

MEMÓRIA E TESTEMUNHO EM “ASSIM FOI AUSCHWITZ”

Memory and testimony "This was Auschwitz "

LEVI, Primo. *Assim foi Auschwitz: testemunhos 1945-1986*. São Paulo. Companhia das letras, 2015.

Carolina Rodrigues da Silva²⁵⁰

Depois de visitar uma exposição sobre o Holocausto, uma jovem envia uma carta ao jornal *La Stampa*, seção “*Specchio dei tempi*” publicada no dia 29 de novembro de 1959, pedindo alguns esclarecimentos. Dentre as questões da jovem está a dúvida sobre o que realmente aconteceu nos campos de concentração, pois segundo ela havia quem afirmasse que a exposição foi “apenas propaganda antialemã. Há quem diga que é exagero e quem garanta que é tudo verdade. Uma das minhas colegas diz que ‘se aquelas coisas tivessem realmente acontecido, haveria algum sinal em nossos livros de história’” (LEVI, 2015, p. 73) e diz mais “Eu, filha de um fascista, fiquei assustada com o que vi e rezei a Deus que meu pai seja inocente desse massacre” (LEVI, 2015, p. 73-74). A jovem busca respostas, sendo ela filha de um fascista, que não conhecia sobre os horrores que haviam ocorrido, pois naquela época existiam poucas informações divulgadas amplamente acerca dos campos de concentração, enviava assim uma pergunta ao jornal. No mesmo ano, Primo Levi, em nome da Associação dos ex-deportados que organizaram a exposição, responde a dúvida da jovem, dizendo que não havia como duvidar das imagens que estavam na exposição e esclarece da seguinte forma:

Essas coisas realmente aconteceram, e ocorreram assim: não há séculos atrás, não em países remotos, mas há quinze anos, e no coração desta nossa Europa. Quem tem dúvidas pode tomar um trem e ir visitar o que resta desses tristes locais. Mas não é necessário: aqui, em nossa cidade, há dezenas de testemunhas oculares; são milhares os que (também mulheres e crianças: crianças!) acabaram misturados naqueles montes de ossos e que testemunham, com sua ausência, o vazio que deixaram (LEVI, 2015, p. 74).

²⁵⁰ Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Cora Coralina. Pós-graduanda em Cultura, Identidade e Região pela UEG, Câmpus Jussara. Contato: carolinarrsd@gmail.com.

Levi sente-se, na responsabilidade de responder as perguntas das pessoas em relação aos campos de concentração e dar seu testemunho, pois como dito acima muitos duvidavam do ocorrido. A forma com que o autor italiano esclarece as coisas é impressionante, pois depois de tudo que lhe aconteceu no campo, ainda encontrava forças para lembrar sobre as piores memórias de sua vida e contar em exposições, em livros, jornais, como um pedido e um alerta para que isso não acontecesse novamente tentando de certa forma conscientizar as pessoas, não tinha ódio e não se vitimava. A exposição descrita acima foi dedicada “aos filhos, e aos filhos dos filhos, com a finalidade de demonstrar as reservas de perversidade que jazem no fundo do espírito humano e os perigos que ameaçam, tanto hoje como ontem, nossa civilização” (LEVI, 2015, p. 75).

Primo Levi nasceu em Turim em 1919 e faleceu em 1987, foi químico e escritor, ficou mundialmente conhecido por retratar sua experiência como prisioneiro em *É isto um homem?* (1947), tinha como missão, relatar sobre o que aconteceu em Auschwitz, em como foi ser um prisioneiro dos nazistas, contar como conseguiu sobreviver no campo por tanto tempo e como foi após ser libertado dos campos, como a “finalidade de libertação interior” (LEVI, 1988, p. 8), para isso escreveu livros, memórias, poemas, dentre os quais merece destaque: *A trégua* (1963), *Os afogados e os sobreviventes* (1990), *Tabela periódica* (1994) e *Assim foi Auschwitz*, publicado em 2015 no Brasil em edição cuidadosa da Companhia das Letras com tradução de Federico Carotti.

A obra conta com a colaboração de Leonardo de Benedetti, médico e prisioneiro judeu, sobrevivente do campo de Auschwitz e que testemunhou no relatório higiênico-sanitária, as condições de vida no campo. Após sua libertação não se tornou escritor como Levi, apenas testemunhou alguns momentos que vivenciou no campo de concentração, pois o governo de Moscou solicitou o relatório e publicou este em formato de livro, pois, Primo Levi pediu para que Leonardo de Benedetti contasse um pouco de sua história, para sustentar, digamos assim, o que aconteceu no campo de concentração, onde os dois compartilham experiências únicas e vivenciadas no mesmo campo.

Mais de setenta anos à libertação dos sobreviventes dos campos de concentração, os fatos sobre os campos de concentração de Auschwitz e os relatos de testemunhos ainda muito debatidos e estudados. O livro de Primo Levi com Leonardo Benedetti,

organizado por Fabio Levi e Domenico Scarpa, mostra a visão dos testemunhos após o acontecido (1945-1986), apresentando relatórios, cartas, depoimentos, artigos publicados em jornais e revistas e declarações, analisando cada detalhe dos documentos, ou seja, mesmo depois de tantos anos a análise dos testemunhos é ainda estudada. Primo Levi começou a vida de escritor em 1946, publicando “*É isto um homem?*” em 1947. Pois, depois de ter sido liberto, a sua maior intenção era tornar público o que aconteceu no campo de concentração, sua experiência como prisioneiro, a desumanização sofrida. O autor, nunca deixou de contar sua experiência e mostra se, sempre reconhecível ao longo dos anos, “assim como o quadro de seu relato adquire forma no tempo e se consolida com coerência e pontos de vista, sempre novos” (LEVI, 2015, p. 8). Para isso, o livro conta com Fabio Levi e Domenico que aprofundam nos relatórios e fazem uma análise cuidadosa, verifica cada acontecimento, através de dados, fontes, documentos, documentos fotográficos, entre outros, dividindo o livro em 29 capítulos, o apêndice e aparatos.

O livro é uma coleção de testemunhos, segue em ordem cronológica que vai desde 1945 até 1986. A maioria dos textos são de autoria de Primo Levi, incluindo cartas, memórias, declarações, artigos e depoimentos. Ao decorrer do livro, fazem reflexões e críticas fundamentadas. Sendo um registro factual, tem uma fidelidade aos documentos impressionante, o autor mostra sua preocupação quanto aos possíveis usos instrumentais de pequenos lapsos ou lacunas presentes nos testemunhos dos sobreviventes (LEVI, 2015, p. 8), por ter se passado muitos anos (quarenta anos de trabalho), sido uma realidade de difícil descrição, o livro tem por objetivo a busca pelo respeito à verdade e transparência, sendo escrito para preencher as possíveis lacunas, deixadas pelo próprio testemunho e também tem como finalidade analisar e rever os acontecimentos, para não deixar nada para trás. Este livro nos mostra que apesar de se tratar de memória podemos sim fazer um estudo aprofundado e descobrir coisas importantes para a História e se tratando de Primo Levi, sempre “interrogando as pessoas, os fatos, as coisas (sua análise do Zyklon B), com base num método que não é menos refinado por ser implícito. É possível que as páginas de *Assim foi Auschwitz* tenham acrescentado um novo aspecto ao perfil de Primo Levi: uma testemunha e um escritor que também “sabia trabalhar” como historiador”(LEVI, 2015, p. 8).

O autor apesar de não ser historiador, sempre teve cuidado com a busca pela verdade, podemos perceber isso neste livro em todos os capítulos, pois analisam cada

detalhe do acontecido, mostrando também a importância de perpetuar o testemunho de denunciar as atrocidades cometidas pelas nazistas, Levi acrescenta: “Não é lícito esquecer, não é lícito calar. Se calarmos, quem falará? Certamente não os culpados e seus cúmplices. Se não dermos nosso testemunho, num futuro próximo as ações da barbárie nazista, por sua própria enormidade, poderão ser relegadas às lendas. Portanto, é preciso falar” (LEVI, 2015, p.66). O livro trata-se de testemunhos, relatórios, sendo acompanhados por notas, feitas pelos organizadores do livro, que nos ajuda a contextualizarmos sobre a origem e história dos campos, cobrindo o período de 1945 até o momento do falecimento de Primo Levi. Mais adiante, daremos ênfase em alguns capítulos.

O relatório de Primo Levi e Leonardo De Benedetti sobre a organização higiênico-sanitária do campo de concentração, teve por objetivo a descrição detalhada do que viveram no campo, suas condições de vida naquele lugar, desde como eram tratados até o relato do ambiente físico, do funcionamento dos serviços sanitários, o relatório se restringiu “exclusivamente ao funcionamento dos serviços sanitários do Campo de Monowitz” (LEVI, 2015, p. 11). Para situá-los, sobre o relato higiênico-sanitária, descreveremos um pouco sobre o assunto. Primeiramente os autores relatam como chegaram até Auschwitz, a viagem que fizeram de Fossoli para o campo de Auschwitz, o que viveram, como foram tratados, qual a finalidade daqueles campos construídos aproximadamente no ano de 1942, o que precisavam fazer quando chegassem ao campo, às vestimentas usadas durante o inverno e quando já não estava mais frio, o que era proibido, qual era a obrigação de todos os prisioneiros, etc., para depois relatar sobre a organização higiênico-sanitária do campo “todavia, com o objetivo de ampliar o conhecimento dos horrores, de que nós também fomos testemunhas e com frequência vítimas durante um ano, cremos ser útil trazer a público o relatório que apresentamos ao governo da URSS” (LEVI, 2015, p.11).

Nos capítulos o “Relatório” página 7, e a “relação de dr. Primo Levi número de matrícula 174517, sobrevivente de Monowitz-Buna”, página 41, foi redigida poucas semanas após o retorno tanto de Primo Levi quanto Leonardo de Benedetti à Itália, no final de 1945. O principal objetivo era oferecer à comunidade judaica atingida pelo extermínio, notícias sobre os companheiros de deportação, dar nomes de quem poderia ter sobrevivido. Os dois testemunhos foram importantes, pois relataram os possíveis sobreviventes, falando os nomes de alguns que conheceram e lembraram, porém

naquele momento, nenhuns dos dois tinham noção do desfecho daquela catástrofe, mas o que os moviam era relatar e prestar testemunhos, movidos por um interesse raro, pelo que os homens são e pelo que sabem e podem fazer pelo outro e naquele momento foi o de ajudar a relembrar nomes dos possíveis sobreviventes e também daqueles que tiveram suas vidas ceifadas no campo de concentração, como maneira dos familiares terem alguma notícia.

No capítulo “Assim foi Auschwitz [1975]”, Levi mostra a importância de relatar o acontecimento, sendo “um dever para com os companheiros que não voltaram e é uma tarefa que confere um sentido à nossa sobrevivência” (LEVI, 2015, p. 135) e denota que é importante aprender algumas coisas sobre o Homem, ou seja, acha necessário divulgar sobre o que o ser humano é capaz que apesar de leis e tribunais milenares, alguns sistemas sociais legalizam a iniquidade e arbitrariedade como último fim político, que para o autor pode ser considerados fascistas, os regimes que negam, na teoria e na prática, a fundamental igualdade de direitos entre os seres humanos, sejam como indivíduo ou classe, cujos direitos são negados. Consequentemente, o livro relata sobre o homem, sobre sistemas políticos, que inferiorizam uns e vangloriam outros, do que os seres humanos são capazes de fazerem pelo poder e ver o tanto que quem é atingido por esse pensamento egoísta pode sofrer, não apenas naquele momento mais também futuramente, como exemplo, a dúvida da jovem filha de um fascista, abismada com o que aconteceu, procurando demasiadamente a verdade e questionando como o ser humano seria capaz de fazer tantos campos de concentração, tendo como fim a eliminação do outro, fim da política e consequentemente da própria humanidade.

Enviado em: 18/03/2016.
Aprovado em: 22/06/2016.